

Boletim

Nº 1.987 - Ano 43 - 21 de agosto de 2017



Marcelo Lustosa/UFMG

SORTE OU HABILIDADE?

Nem sempre, no futebol, os campeonatos são decididos exclusivamente pela capacidade técnica das equipes, e variáveis aleatórias podem ter peso fundamental na definição de um título. Em contrapartida, em competições de voleibol e basquetebol, o fator competência é preponderante nas decisões. A atuação da sorte e da habilidade em torneios esportivos foi calculada estatisticamente em estudo desenvolvido por pesquisadores da UFMG. O grupo analisou mais de 270 mil jogos disputados em 84 países.

Páginas 4 e 5

Obra de Tom Jobim é
revisitada em ensaios

Página 8



RESISTIR ao ESQUECIMENTO

Wellington Marçal de Carvalho*
Anália das Graças Gandini Pontelo**
Helder de Castro Bernardes Barbosa***

*"Contra o esquecimento destruidor,
o esquecimento que preserva.
[...] é o esquecimento que
torna possível a memória."
(Paul Ricoeur)*

Por ocasião do golpe militar de 1964, que lançou o Brasil na sombra de uma ditadura que perdurou até 1985, um grupo de brasileiros contrariou o regime que se instalara, pagando um alto preço, alguns com a vida, outros com imensos sacrifícios nas esferas pessoal, familiar e profissional.

Entre os brasileiros que integraram a resistência ao período de exceção que o nosso país vivenciou, destacamos a importante atuação de membros da comunidade universitária da UFMG. Foi o caso do servidor técnico-administrativo em Educação, hoje aposentado, Irany Campos, que, em razão de sua incisiva oposição ao regime ditatorial, enfrentou toda sorte de perseguições, inclusive no âmbito da instituição universitária em que trabalhava, onde sofreu processo sumário para fins de demissão, atendendo solicitação dos generais de plantão.

Esse processo, que teve caráter confidencial, foi instaurado pela Portaria 51, de 20 de outubro de 1969, do diretor da Faculdade de Medicina da UFMG, unidade em que Irany trabalhava, em atendimento à demanda do governo militar. Esse expediente foi publicado no jornal *Estado de Minas*, em 6 de junho de 1969, visando ao enquadramento do servidor no Decreto-lei 477, de 26 de fevereiro de 1969. Como isso não foi possível, Irany acabou sendo enquadrado por "incontinência pública e escandalosa", como supostamente previa o item II, Art. 207, da Lei 1.711, de 1952, que tratava do Estatuto dos Funcionários Públicos Civis da União.

Em 3 de outubro de 1969, o jornal *Estado de Minas* registrou o pedido de prisão preventiva de Irany, decretado pelo Conselho de Justiça Permanente da IV Região Militar. Daí foi expedida a Portaria 57, de 11 de novembro de 1969, imediatamente encaminhada para publicação no *Minas Gerais* (Diário do Judiciário), no Caderno de Publicação de Terceiros, na página 17, em 12 de novembro de 1969.

Essas informações constam da documentação dos arquivos da Assessoria Especial de Segurança e Informação (Aesi/UFMG), que integram a Divisão de Coleções Especiais da Biblioteca Universitária da UFMG e estão disponíveis para consulta da sociedade.

Parte desse momento de história nacional foi objeto do artigo produzido por Isabel Leite, intitulado *Apurando a subversão: um estudo de caso sobre a repressão na UFMG pelos arquivos da Aesi/UFMG*, publicado no periódico discente *Temporalidades*, no volume 2, nº 1, de janeiro/julho de 2010.

Como se vê, a partir desse esboço histórico, a participação de Irany em atos de resistência contra a ditadura militar acarretou-lhe a perda de seu emprego na UFMG, vítima de arbitrariedade. Como se não bastasse, essa determinação impulsionou sua prisão e exílio do

país. Irany foi um dos 70 presos políticos trocados pelo embaixador suíço Buchere que embarcaram no conhecido *Voo da liberdade*, que partiu em 14 de janeiro de 1971, em direção ao Chile.

Com o seu retorno ao Brasil, após a promulgação da Lei da Anistia, Irany foi reintegrado ao quadro de servidores permanentes da UFMG. Sua participação na luta contra o regime militar merece o reconhecimento da Universidade, notadamente por sua contribuição para a conquista das liberdades públicas de que hoje usufruímos – e que estão novamente em avançado estágio de supressão.

Esse compromisso da UFMG em lembrar a história institucional, que se faz marcada por ideais de liberdade, foi reafirmado em cerimônia realizada em 31 de março de 2014, junto ao monumento denominado *Liberdade*, instalado no gramado da Biblioteca Central, que homenageou integrantes da comunidade universitária que perderam a vida na ditadura. Naquela ocasião, Irany contou parte de sua história de expulsão da Universidade e defendeu a implantação de uma comissão da verdade, com sede na instituição.

A faceta de uma UFMG que se lembra de forma perseverante e se recusa a esquecer nos incita a concordar com Paul Ricoeur, para quem "o esquecimento designa então o caráter *despercebido* da perseverança da lembrança, sua subtração à vigilância da consciência". Isso se manifesta, no nosso ponto de vista, na exposição *Desconstrução do esquecimento: golpe, anistia e justiça de transição*, idealizada no escopo do projeto Memorial da Anistia do Brasil e abrigada no Centro Cultural UFMG, integrando as comemorações dos 90 anos da Universidade (*leia mais na página 7*). Na abertura da exposição, em junho de 2017, a Diretoria de Ação Cultural prestou homenagem simbólica a Irany, "expressão viva, em todos os sentidos da palavra, a razão e o sujeito dessa obra [*a expografia*]".

A presença de Irany, sobretudo nos tempos novamente sombrios que o Brasil atravessa, lembra-nos que resistir ainda é preciso.

*Servidor técnico-administrativo em Educação, bibliotecário-documentalista e doutor em Letras/Literaturas de Língua Portuguesa na PUC Minas. É diretor da Biblioteca Universitária/Sistema de Bibliotecas da UFMG

** Servidora técnico-administrativa em Educação, bibliotecária-documentalista e mestre em Administração. É vice-diretora da Biblioteca Universitária/Sistema de Bibliotecas da UFMG

*** Servidor técnico-administrativo em Educação, assistente em Administração, advogado e especialista em Direito

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou trélicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

ECONOMIA VIRTUOSA

De acordo com tese desenvolvida no Cedeplar, sucesso da cultura do açaí, que se baseia no conhecimento popular, traz lições valiosas para o processo produtivo brasileiro

Itamar Rigueira Jr.

Pouca gente sabe, mas há muito tempo, em Belém, capital do Pará, muito antes de virar moda no resto do Brasil e no exterior, o açaí (mais precisamente, o caldo grosso da polpa da fruta) é comido cotidianamente com farinha de mandioca e uma carne frita, que pode ser de peixe, frango ou boi. O pequeno fruto roxo – cultivado principalmente no Pará, no Amazonas e no Amapá – é, na verdade, um item corriqueiro da alimentação regional popular, herança de populações indígenas que já o plantavam e consumiam havia quase dois milênios, pelo menos.

O desconhecimento sobre a história e os hábitos regionais relacionados ao açaí, que ampliou sua fama depois que começou a ser exportado, suscita reflexões sobre o desperdício de oportunidades de se tirar partido do conhecimento e das práticas do cotidiano para incrementar as economias locais, inclusive por meio da exportação. Em tese defendida na Faculdade de Ciências Econômicas, o economista e historiador Harley Silva descreve as origens e o funcionamento da economia do açaí para propor alternativas de desenvolvimento que explorem, sem destruir, ambientes como a floresta tropical.

“A natureza é uma força produtiva com a qual perdemos grande parte do nosso vínculo. As monoculturas na Amazônia derrubam grandes porções de floresta sem que se saiba o que se está perdendo”, afirma o pesquisador. “Há uma riqueza imensa que poderia ser inserida na vida econômica. Mas isso exige que se olhe para o patrimônio natural de maneira bem informada, não apenas sob o viés científico. É preciso respeitar e escutar as populações locais.”

Domesticada pelos povos pré-colombianos há pelo menos mil anos, a palmeira do açaí, nativa da Amazônia, passou a ser fonte de alimento das populações ribeirinhas, e o hábito do consumo chegou a Belém, no bojo do grande crescimento da capital paraense, fomentado em grande parte pela migração, sobretudo na década de 1970.

Mediação urbana

Harley Silva, que foi orientado pelo professor Roberto Monte-Mór, dedica parte significativa do seu trabalho a demonstrar o papel da cidade na consolidação da economia do açaí. “A cultura começou a ser consolidada, por exemplo, com o aperfeiçoamento da despulpadeira (que separa a polpa do caroço) e com a formação de uma rede de distribuição popular formada por pequenas lojas, nos bairros populares de Belém”, explica Harley, que passou um mês na capital paraense realizando entrevistas, aplicando questionários e observando os diversos aspectos da economia do açaí. Ele salienta que mesmo os povos antigos já se reuniam em grandes grupos na floresta, onde não apenas se amontoavam, mas reuniam e transmitiam conhecimentos sobre a biodiversidade. “Esses povos cultivaram e intervieram na floresta, ao longo de milhares de anos. Também por isso, não faz sentido falar em natureza intocada, nos moldes do discurso ambientalista focado apenas nas noções de conservação e proteção”, diz o pesquisador.

Na tese, ele enfatiza a capacidade da vida urbana de articular e enriquecer a relação das populações com seus recursos naturais. Como base teórica, o pesquisador recorre a autores como Henri Lefebvre, que, segundo Harley, “resgata a vitalidade do urbano, que parecia ter sido completamente decomposto pela industrialização”,



Alexandre Moraes

Cultura do açaí: relação harmônica entre mercado e recursos naturais

e Jane Jacobs, que define as cidades densas e diversas “como o lugar onde a economia se dá, por meio da elaboração de respostas para as necessidades cotidianas”.

Sem dependência externa

Para Harley Silva, a economia do consumo urbano da polpa do açaí em Belém é exemplo de processo virtuoso, baseado na articulação de recursos da biodiversidade com o mercado e em relações sociais regionais e técnicas de produção e processamento endógenas. “A economia do açaí não depende exclusivamente da mobilização externa, como se deu com produtos como a borracha”, ressalta o autor. Por meio da ideia de socialização da natureza, ele demonstra “possibilidades de ampliação e enriquecimento do universo econômico, sem a mediação necessária da industrialização capitalista”, que tem capacidade limitada para funcionar em contextos marcados pela diversidade natural e social, como ressaltou nas considerações finais de sua tese.

Ainda de acordo com o pesquisador, o acesso à “enorme diversidade da Amazônia” – e isso vale também para o cerrado e o que resta de Mata Atlântica – pode abrir portas para o desenvolvimento baseado na plataforma urbana e em cadeias de atividades e processos que envolvem e beneficiam estratos diversos da população. “Um dos obstáculos ao desenvolvimento, no Brasil, é a baixa capacidade da nossa sociedade de olhar para si mesma de forma mais generosa e cuidadosa”, ressalta Harley Silva. “Não nos levamos a sério porque nos consideramos exóticos e precisamos parecer com os países centrais. E os interiores do Brasil estão cheios de açaís, recursos naturais que podem sustentar um desenvolvimento capaz de garantir a existência das florestas”, afirma.

Tese: Socialização da natureza e alternativas de desenvolvimento da Amazônia brasileira

Autor: Harley Silva

Orientador: Roberto Luís de Melo Monte-Mór

Defesa em 8 de maio de 2017, no Programa de Pós-graduação em Economia do Cedeplar

Entre a **SORTE** e a **COMPETÊNCIA**

Estudo do DCC investiga o peso de variáveis aleatórias e de habilidade na definição de campeões esportivos

Luana Macieira

O Corinthians foi o campeão simbólico do primeiro turno do Campeonato Brasileiro, com a melhor campanha da história desde que a competição passou a ser disputada por 20 equipes no sistema de pontos corridos. Foram 47 pontos em 19 jogos disputados, com 14 vitórias, cinco empates e nenhuma derrota.

Os números surpreendentes estimularam os analistas do futebol a buscar explicações para a boa campanha do time paulista. Enquanto uns acreditam que o Corinthians é o melhor time do campeonato, outros avaliam que o sucesso da equipe se deve ao fator sorte. O modo como esses dois fatores – habilidade e sorte – atuam na campanha de um time vencedor foi analisado por grupo de pesquisadores do Departamento de Ciência da Computação da UFMG (DCC) no artigo *Luck is hard to beat: the difficulty of sports prediction*, apresentado na conferência KDD 2017 – especializada em mineração de dados –, realizada em julho, no Canadá.

Durante a pesquisa, o grupo percebeu que sorte e habilidade são fatores que atuam de forma diferente de acordo com o esporte analisado. Para testar a influência da aleatoriedade, o grupo debruçou-se sobre 270.713 jogos, 1.503 temporadas esportivas, 84 países e quatro esportes: basquete, voleibol,

futebol e handebol. Entre as ligas analisadas, estão o Campeonato Brasileiro de Futebol da Série A, a National Basketball Association (NBA) e a Premier League Inglesa – a primeira divisão do futebol inglês.

As análises foram feitas por meio de cálculos estatísticos realizados em um software. O grupo comparou o histórico de partidas jogadas pelos times ao longo dos campeonatos e realizou simulações aleatórias, como se o placar de todas as partidas fosse resultado do acaso. “Depois, comparamos a simulação aleatória com o campeonato real. Quando a variância real fica muito distante da variância aleatória, o campeonato não foi definido apenas por sorte, ou seja, a habilidade dos times teve papel fundamental na definição dos campeões”, explica Pedro Olmo, um dos autores do trabalho e professor do DCC.

O papel da habilidade na definição dos campeões ocorre por meio de coeficiente que varia entre o infinito negativo e 1. Quanto mais perto de 1, maior será a importância da capacidade técnica para definir o campeão e menor será a interferência da sorte nos resultados. O grupo constatou que o futebol e o handebol são esportes em que a sorte tem maior peso. Os torneios de voleibol e de basquetebol, por sua vez, são decididos,

majoritariamente, pela habilidade das equipes. “A NBA não é um torneio aleatório. É muito raro que uma equipe ruim vença uma boa. Não há zebras na classificação final; é muito fácil olhar a tabela e apontar os times que podem ser os campeões”, diz o professor.

Segundo Pedro Olmo, a qualidade dos jogadores pesa tanto na NBA que, para se tornar um campeonato aleatório, seria necessário que, em média, metade das equipes saísse do torneio. Ele observou situação oposta na Série A do Campeonato Brasileiro deste ano, pois bastaria apenas a retirada de um time para que o fator sorte passasse a ser preponderante.

“Analisamos 189 jogos das 20 equipes do primeiro turno do Campeonato Brasileiro e vimos que, se retirássemos apenas o Corinthians, o Brasileirão ficaria completamente aleatório, pois reuniria times de qualidade similar, tornando impossível prever o campeão. Por isso, a briga por vaga na Taça Libertadores da América é tão intensa. Se excluirmos o Corinthians, o campeonato já se torna aleatório”, exemplifica.

O professor do DCC explica que o Brasileirão tem um perfil difícil de analisar, uma vez que sua aleatoriedade varia ao longo dos anos. “Nossos cálculos mostraram que o Brasileiro de 2009, vencido pelo Flamengo, enquadra-se como campeonato aleatório, enquanto a campanha vitoriosa do Cruzeiro em 2014 foi definida pela habilidade. Além do Cruzeiro, o Internacional e o Criciúma também deveriam ser removidos do campeonato daquele ano para torná-lo aleatório. No caso do Corinthians de 2017, tudo indica que ele será campeão também pela habilidade”, prevê.

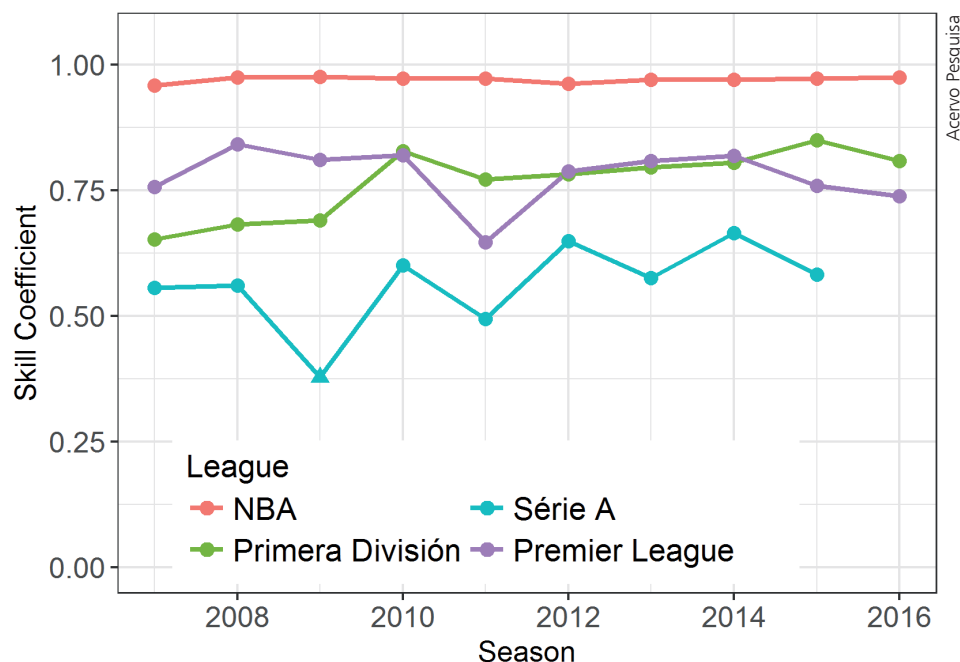
Outras aplicações

O professor acrescenta que o método desenvolvido para analisar os esportes também pode ser empregado em estudos com outros tipos de sistemas dinâmicos, aqueles formados por muitas variáveis. “Trabalhos do gênero poderiam ser usados em um sistema de concorrência de empresas que competem por uma fatia de mercado, por exemplo. Como a sorte explica o fato de uma empresa atrair mais clientes que a outra? A empresa que vende mais é mais hábil ou tem mais sorte?”, questiona.

Foca Lisboa/UFMG



Pedro Olmo: comparação entre as simulações aleatórias e os campeonatos reais



Com coeficiente próximo a 1, a Liga Norte-americana de Basquete (NBA) é o torneio em que o fator habilidade impera na definição do vencedor. Na Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol, por sua vez, a competência nem sempre predomina – em 2009, por exemplo, o coeficiente ficou abaixo de 0,5. Os campeonatos espanhol (Primera División) e inglês (Premier League) de futebol registram coeficientes de habilidades superiores aos da Série A do Brasil e inferiores aos da NBA.

Pedro Olmo lembra que torneios esportivos equilibrados são mais interessantes para o público e que pesquisas sobre a competitividade possibilitam a criação de mecanismos que tornem os campeonatos mais atraentes. Segundo ele, o [sistema de draft](#) da NBA é um exemplo de como campeonatos parelhos no âmbito técnico tendem a ser mais emocionantes e lucrativos.

“Não é nada interessante para a audiência quando uma competição por pontos corridos é definida com muita antecedência. Esse trabalho ajuda a caracterizar as ligas esportivas, possibilitando entender por que em algumas é mais fácil prever quem vai chegar mais longe e quem pode ser o campeão. Com esse trabalho, podemos observar as regras das ligas e identificar as mais competitivas”, conclui o professor Pedro Olmo.

Artigo: *Luck is hard to beat: the difficulty of sports prediction*

Autores: Raquel Aoki, Pedro Olmo e Renato Assunção

Apresentado na KDD 2017 e disponível em <https://arxiv.org/abs/1706.02447>

Evento anual em que os 30 times da NBA podem recrutar jogadores elegíveis para ingressar na liga. A seleção consiste em duas rodadas, nas quais 60 jogadores são selecionados. O sistema é visto por especialistas como mecanismo importante para fazer da NBA um torneio equilibrado e definido pela habilidade dos times, uma vez que a equipe de pior colocação no ano anterior é a primeira a escolher um jogador, e o campeão do ano anterior, o último. O *draft* permite, assim, que o pior time selecione jogadores mais qualificados para a temporada seguinte.

Resoluções

RESOLUÇÃO Nº 04/2017, 11 DE JULHO DE 2017

Retifica a proposta orçamentária da Fundação Universitária Mendes Pimentel-FUMP, relativa ao exercício de 2016, aprovada pela Resolução nº 12/2016, de 28 de junho de 2016.

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais, considerando o Parecer nº 03/2017 da Comissão de Orçamento e Contas, resolve:

Art. 1º Retificar a proposta orçamentária da Fundação Universitária Mendes Pimentel-FUMP referente ao exercício de 2016, uma vez que as receitas totais, anteriormente estimadas em R\$ 52.053.998,00 (cinquenta e dois milhões, cinquenta e três mil, novecentos e noventa e oito reais), reduziram-se para R\$ 50.065.221,00 (cinquenta milhões, sessenta e cinco mil, duzentos e vinte e um reais)

Art. 2º A presente Resolução entra em vigor nesta data.

Professor Jaime Arturo Ramírez
Presidente do Conselho Universitário

RESOLUÇÃO Nº 05/2017, 11 DE JULHO DE 2017

Aprova a proposta orçamentária da Fundação Universitária Mendes Pimentel-FUMP, relativa ao exercício de 2017.

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais, considerando o Parecer nº 03/2017 da Comissão de Orçamento e Contas, resolve:

Art. 1º Aprovar a proposta orçamentária da Fundação Universitária Mendes Pimentel-FUMP para o exercício de 2017, no valor de R\$ 52.544.898,00 (cinquenta e dois milhões, quinhentos e quarenta e quatro mil, oitocentos e noventa e oito reais) de receita total.

Art. 2º A presente Resolução entra em vigor nesta data.

Professor Jaime Arturo Ramírez
Presidente do Conselho Universitário

UNIVERSIDADE das PATENTES

Com 70 pedidos, UFMG liderou ranking da proteção científica no Brasil no ano passado

A UFMG liderou o ranking de instituições depositantes de patentes no Brasil em 2016, com 70 pedidos, segundo relatório divulgado pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI). Em segundo lugar ficou a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com 62 pedidos, seguida pela Universidade de São Paulo (USP), com 60 depósitos, e pelas universidades federais do Ceará (58) e do Paraná (53).

No Boletim Mensal de Propriedade Industrial do INPI foi ressaltada a presença preponderante das instituições de ensino e pesquisa, que ocupam as nove primeiras posições dos rankings de patentes de invenção e de modelos de utilidade. A publicação também evidencia que a UFMG já havia ocupado posições de destaque nos rankings anteriores, como em 2015, quando foi classificada em segundo lugar, entre os depositantes nacionais, e em primeiro lugar, se consideradas apenas as instituições de pesquisa.

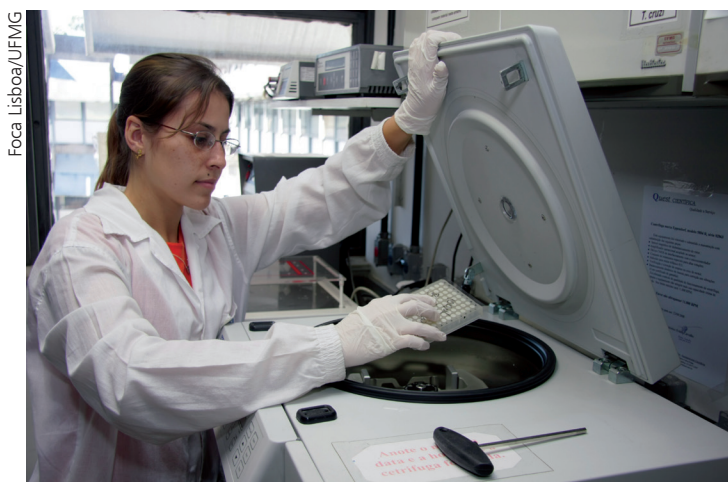
De acordo com a Coordenadoria de Transferência e Inovação Tecnológica (CTIT) da UFMG, nos 70 depósitos contabilizados no Ranking dos Depositantes do INPI não estão relacionados os pedidos de patente nos quais a Universidade figura como cotitular, ou seja, aqueles depositados junto com outras instituições. Somados, totalizam 91. O recorde histórico da UFMG em inovação era de 56 depósitos em 2015.

Dos 91 pedidos depositados em 2016, 50% são da área de biotecnologia, confirmando outra marca da UFMG: a maior depositante de pedidos de patentes de biotecnologia no Brasil. São tecnologias como diagnóstico para dengue e para doença de chagas, prognóstico de câncer de ovário e composições antineoplásicas. Depois da biotecnologia, as áreas que mais depositaram patentes em 2016 foram engenharia, farmácia e química.

Transferência de tecnologia

O desafio de gerar tecnologias por meio das pesquisas acadêmicas soma-se ao da transferência dessas invenções para o mercado, por meio da interação universidade-empresa. Com o intuito de dar maior visibilidade às pesquisas, a CTIT, que agora completa 20 anos, lançou seu novo portal de inovação, a *Vitrine Tecnológica* (<http://www.ctit.ufmg.br/vitrine-tecnologica/>), seção em que os interessados encontram as tecnologias da UFMG separadas por área. O resumo executivo e informações da invenção são disponibilizados em vídeos, no formato de *pitches*, com descrição do potencial e vantagens da tecnologia.

[Matéria publicada no Portal UFMG, em 10/08/2017]



Pesquisadora em laboratório do ICB: biotecnologia lidera pedidos

DOUTOR MÍDIA

Faculdade de Farmácia põe no ar primeiro portal de análise de notícias sobre saúde do país

Está no ar o primeiro portal acadêmico de avaliação de notícias sobre saúde no Brasil. O site integra o projeto Media Doctor, do Centro Colaborador do SUS – Avaliação de Tecnologias & Excelência em Saúde (CCATES), da UFMG, em parceria com a Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no SUS (Conitec).

Preocupados com a qualidade da informação em saúde oferecida à população brasileira, os pesquisadores adotaram a metodologia Media Doctor, implantada em países como Austrália, Estados Unidos, Canadá e Japão. O objetivo é analisar as notícias sobre saúde publicadas em jornais,

revistas e portais on-line. Os pesquisadores examinam critérios científicos como indicação, benefícios, segurança, custo, alternativas, novidade tecnológica em saúde e independência da informação.

Além das avaliações por profissionais de saúde, o portal Media Doctor (<http://www.ccates.org.br/mediadoctor/>) tem as seções *Olhar do jornalista*, com a percepção de profissionais da imprensa sobre o conteúdo, segundo critérios de noticiabilidade, e *Bula*, que funcionará como fonte segura de informações para os jornalistas, oferecendo definições científicas de doenças, tratamentos e medicamentos.

O portal Media Doctor Brasil também fará monitoramento das avaliações, por meio do *Scanner saúde*, espécie de raio-X das reportagens avaliadas pelos pesquisadores, provendo dados como percentual das que receberam cinco estrelas e temas mais publicados em jornais, revistas e portais de notícia do país.

O projeto é coordenado pelo professor Augusto Guerra, do Departamento de Farmácia Social, da Faculdade de Farmácia, e financiado pelo Ministério da Saúde.

[Matéria publicada no Portal UFMG, em 14/08/2017]

CIÊNCIA POLÍTICA

Estão abertas as inscrições para os cursos de mestrado e doutorado do Programa de Pós-graduação em Ciência Política. As inscrições devem ser feitas na secretaria do Programa, na sala 4115 da Fafich, das 9h30 às 11h30 e das 14h30 às 16h30, de segunda a sexta-feira. Edital, formulários para inscrição e informações complementares estão disponíveis no site do programa: www.fafich.ufmg.br/ppgcp/. As inscrições terminam em 25 de setembro. Outras informações podem ser obtidas pelo telefone (31) 3409-5030 e pelo e-mail selecaoppgcp@fafich.ufmg.br.

DRAMATURGIAS INSURGENTES

De 9 a 11 de novembro, a UFMG sedia o Colóquio Internacional Dramaturgias Insurgentes, evento organizado pelo Núcleo de Estudos em Letras e Artes Performáticas (Nelap) da Faculdade de Letras. Serão três dias de debates, conferências, apresentações teatrais e mesas-redondas sobre as dramaturgias que têm surgido e se insurgido no cenário latino-americano. O dramaturgo e diretor chileno Ramón Griffero – um dos mais reconhecidos profissionais de teatro da América Latina, cuja produção catalisou forte resistência cultural e política à ditadura de Pinochet – fará a palestra de abertura. Informações sobre o evento podem ser obtidas no site dramaturgiasinsurg.wixsite.com/coloquio.

ENADE

Os alunos que vão participar do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) 2017 já podem se cadastrar no site do Inep: portal.inep.gov.br/. Neste ano, apesar de a responsabilidade pelas inscrições ser ainda dos coordenadores dos cursos, o estudante passou a ser responsável por efetuar o seu cadastro, no qual deverá informar dados pessoais e solicitar, caso necessário, atendimento especializado e/ou específico. O cadastro dos estudantes pode ser feito até 26 de novembro, mas as solicitações de atendimento especializado e específico devem ser formalizadas até 3 de setembro. Todo o procedimento precisa ser efetivado no site do Inep, onde também está disponível a lista dos cursos de graduação cujos alunos devem fazer a prova. O Enade 2017 será realizado em 26 de novembro, em todo o Brasil.



Ivo Herzog observa a foto do pai, o jornalista Vladimir Herzog, morto pela ditadura em 1975

Ricardo Giraldez/Desconstrução do esquecimento

DESCONSTRUÇÃO DO ESQUECIMENTO

A exposição *Desconstrução do esquecimento: golpe, anistia e justiça de transição* fica em cartaz, no Centro Cultural UFMG, até 31 de agosto, quinta-feira. A mostra é formada por obras inéditas de oito artistas convidados, de diferentes áreas das artes, que abordam temas como as estruturas de repressão, o desrespeito aos direitos indígenas, a articulação das mulheres na luta pela anistia e as políticas de reparação aos danos causados pela ditadura civil-militar brasileira.

O trabalho foi concebido no âmbito do projeto do Memorial da Anistia Política do Brasil, e suas obras vão integrá-lo futuramente. O Centro Cultural fica na Avenida Santos Dumont, 174, Centro. Pelo telefone (31) 3409-8290 podem ser obtidas outras informações e agendadas visitas de grupos escolares. O horário de visitação é de segunda a sexta, das 10h às 19h, e sábado, das 10h às 13h. A entrada é franca.

EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO

No dia 1º de setembro, a Coordenadoria de Transferência e Inovação Tecnológica (CTIT) da UFMG vai promover a segunda edição do programa de empreendedorismo social *Impacte*. Os participantes serão desafiados a desenvolver, em imersão de 24 horas, solução para uma instituição de caráter social. O desafio só será revelado aos participantes no dia do concurso.

Equipe formada por mentores da academia e profissionais do mercado ficará encarregada de dar forma às ideias. As melhores propostas serão postas em prática na instituição selecionada pelos próprios estudantes, sob a supervisão de consultores.

Podem participar do processo alunos de graduação e de pós-graduação de qualquer universidade de Belo Horizonte. Serão selecionados 40 estudantes para participar do desafio. As inscrições podem ser feitas até 27 de agosto no site www.impacteufmg.com.br. O resultado da intervenção será apresentado na Semana do Conhecimento da UFMG, em outubro.

Hackathon

Equipes de estudantes e de profissionais de tecnologia, design, comunicação, marketing e empreendedorismo podem se inscrever, até 8 de setembro, no primeiro *hackathon*, organizado pela Petrobras Distribuidora em parceria com a Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Na maratona de programação, que será realizada nos dias 30 de setembro e 1º de outubro, os grupos – de quatro membros – serão desafiados a desenvolver soluções digitais inovadoras em postos de combustíveis. Os três grupos mais bem avaliados pela banca do concurso receberão prêmios de R\$ 40 mil, R\$ 16 mil e R\$ 8 mil. As inscrições podem ser feitas pelo site www.br.com.br/hackathon.

MAESTRO de muitas PAIXÕES

Dez ensaios e um depoimento reunidos em livro da Editora UFMG tratam das múltiplas expressões da obra de Tom Jobim

Itamar Rigueira Jr.

“**S**ucesso de público e crítica”, velho clichê do jornalismo cultural, aplica-se bem a Tom Jobim, que, paradoxalmente, é ainda pouco estudado, sobretudo em suas facetas extramusicais, como sublinha o pesquisador Luca Bacchini. Atuante em projetos da UFMG e da Stanford University (EUA), ele reuniu um time de especialistas para assinar os capítulos de *Maestro soberano: ensaios sobre Antonio Carlos Jobim*, que a Editora UFMG lança nesta terça-feira, 22 de agosto.

“O intuito é apresentar uma reflexão crítica da obra de Jobim, com base em visões hermenêuticas diferentes. Os ensaios pretendem revelar também faces menos conhecidas de Tom Jobim”, relata o organizador do volume em entrevista por e-mail, que conta ainda com depoimento da fotógrafa Ana Lontra Jobim, segunda mulher de Tom, que morreu em 1994.

Tom é apresentado pelo professor da PUC-Rio Paulo Henriques Britto e sua ex-colega Santuza Cambraia Naves, homenageada *in memoriam* na edição, como um artista moderno, pronto para criar o novo. Ao mesmo tempo, o maestro reverenciava determinados legados, retomando caminhos trilhados por músicos como Villa-Lobos. A dupla descreve a trajetória de formação de Tom, destacando aspectos como a influência de Koelreutter e o encontro com João Gilberto, com quem sua identificação não foi completa. “Seria inadequado reduzir a trajetória de Tom à sua experiência com a bossa nova, que se caracterizou pela opção pelo mínimo, enquanto Tom sempre esteve entre o mínimo e o máximo, entre o moderno e o modernista”, escrevem os pesquisadores.

Sonoridade sofisticada

Em sua contribuição a *Maestro soberano*, a historiadora Heloisa Starling, da UFMG, afirma que Jobim “fez da obra de Guimarães Rosa sua casa”, não somente por gosto pessoal. “A busca pela ‘grandeza cantável’ do sertão, pela ‘música subjacente’ das palavras e por aquilo que a canção representa para construção da memória, da sensibilidade e da imaginação do Brasil ajuda a compreender ao menos em parte o impacto que a leitura da obra de Guimarães Rosa imprimiu na sonoridade elegante e sofisticada das composições de Tom Jobim”, registra a professora.

As metamorfoses do sujeito lírico no cancionário jobiniano foram objeto de investigação de André Haudenschild, músico e doutor em literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina. Ele aborda a



Autor desconhecido/Maestro soberano

Tom Jobim (ao piano) com Chico Buarque: intérprete do Brasil

poética nas canções de Tom à luz de reflexões de Walter Benjamin sobre a percepção aurática e a experiência na modernidade. Haudenschild escreve que o compositor “foi movido por uma prazerosa fruição da natureza capaz de lhe dar a harmonia e o compasso desde os temas germinais da bossa nova”. Para o autor, Jobim “extraí de seu lirismo o minério cristalino da palavra”. E cita o próprio artista, para quem a linguagem musical não bastava: “A briga toda que tenho é para chegar à palavra mais clara, a imagem transparente”.

Apoiada pelo Instituto Antonio Carlos Jobim, a edição se beneficiou indiretamente da preocupação do próprio artista, desde a adolescência, com a guarda de seus documentos. Em outro capítulo de *Maestro soberano*, a arquivista Gleise Andrade Cruz, que trabalhou no Instituto, conta a história do acervo e apresenta seu conteúdo. Segundo a autora, a lógica da acumulação do arquivo foi “uma forma de aproximação da identidade que Tom queria construir para si, por meio da guarda de seus papéis e de suas músicas”.

O material devidamente conservado confirma a pluralidade de interesses do artista. Segundo o organizador Luca Bacchini, Jobim “compreendeu cedo que somente sentado ao piano teria a chance de conciliar a variedade de paixões que o animavam, como a literatura, a ecologia, a ornitologia, a arquitetura, a linguística”. Ele lembra que, certa vez, em uma entrevista, Tom explicou que a música não lhe interessava e que se tornou compositor porque queria falar das montanhas, do mar, do sol e dos bichos. “Tom Jobim foi um grande intérprete do Brasil, que usou a música para expressar o seu pensamento”, conclui Bacchini.

Livro: *Maestro soberano: ensaios sobre Antonio Carlos Jobim*

Organizador: Luca Bacchini

Editora UFMG

328 páginas / R\$ 69 (preço de capa)

Lançamento: terça, 22 de agosto, das 18h30 às 21h, na Quixote Livraria e Café (Rua Fernandes Tourinho, 274, Savassi)